

## Trump e a «mãe das bombas»

A bomba que a Aviação dos EUA lançou no Afeganistão, a 17 de Abril, é a mais potente bomba não nuclear usada até hoje em operações militares. Com uma potência de 11 toneladas (ton) de TNT (1), ela é apenas um pouco menos potente que as bombas largadas no final da Segunda Guerra mundial sobre Hiroshima (15 ton) e Nagasaki (20 ton), não tendo é verdade os seus efeitos atómicos (radioactivos).

Esta explosão acontece num momento em que as tensões com a Coreia do Norte se exacerbam; ela é, de certa maneira, uma resposta aos testes de mísseis que Pyongyang (2) organiza desde há alguns meses. No passado dia 13 de Março, Trump declarou ter «*uma grande confiança de que a China se irá seguramente ocupar da Coreia do Norte.*» Acrescentando: «*Se ela não o puder fazer, os EUA com os seus aliados encarregar-se-ão disso!*». Estamos, portanto, bem longe do descomprometimento militar que Trump anunciou.



Na Síria, o regime de Bachar al-Assad estabeleceu um acordo com o Irão e o Qatar para evacuar milhares de refugiados de aldeias em guerra – numa troca entre populações de «lealistas», cercadas por «rebeldes», e aldeias «rebeldes» cercadas por «lealistas». Um atentado contra Sírios de um bairro sob controlo do regime (cercado por rebeldes) fez 126 mortos, dos quais 68 eram crianças. Como se tratava de «rebeldes», as grandes potências democráticas estão caladas.

Estima-se que dos 22 milhões de Sírios, metade tenha sido deslocada desde o início da guerra civil travada entre governo de al-Assad (criado e durante muito tempo apoiado pelos países imperialistas da Europa e da América) e as diversas facções rebeldes, todas apoiadas – rotativamente – pelas diversas potências presentes nessa zona: Irão, Turquia, Rússia, países europeus, EUA... E, dos 10 milhões de deslocados, cerca de metade teve que sair da Síria, alimentando com o seu afluxo a crise mundial provocada pelos refugiados. E isto no momento em que o referendo na Turquia – ganho à tangente por Erdogan, de acordo com os resultados oficiais – ameaça instabilizar toda a região.

Neste contexto explosivo, Donald Trump não tem outra escolha senão esquecer as promessas que fez na sua campanha eleitoral e apoiar-se nas alianças militares estabelecidas pelos EUA.

A começar pela NATO (3), que ele acaba de declarar que já não é «obsoleta». Após ter levado meses a denunciar a ineficácia desta Organização e o custo da guerra que os EUA travam em todo o mundo, acaba agora de finalizar a viragem que tinha iniciado após a sua eleição, reconhecendo a necessidade deste Tratado para permitir manter a ordem mundial de que o imperialismo norte-americano tem necessidade. Ao mesmo tempo, após ter anunciado uma aproximação à Rússia, acaba de declarar que as relações com ela estão «*no ponto mais baixo*», em particular sobre a questão síria.

Trump, enquanto novo Presidente, anunciou que ia desenvolver uma política externa diferente da do seu antecessor, obrigando os aliados dos EUA (o Japão na Ásia, os outros países da NATO – e nomeadamente a Turquia – no Médio-Oriente, etc.) a tomar a seu cargo a sua própria defesa. Passados três meses, já não resta nada desses discursos, e Trump é obrigado a reconhecer – inclusive por palavras – que a situação global necessita da implicação militar directa dos EUA para evitar o agravamento do caos que ninguém sabe em que irá parar.

*Devan Sohier*

- 
- (1) O Trinitrotolueno (TNT) é usado como base de uma grandeza escalar para medir a energia libertada em explosões.
  - (2) Pyongyang é a capital da República Popular Democrática da Coreia, mais conhecida por Coreia do Norte.
  - (3) Organização do Tratado do Atlântico do Norte (NATO, na sigla em inglês).